

LGBTQIA+

A quarta edição do **Boletim Diversidade em Pauta** aborda a temática LGBTQIA+, em alusão ao **Dia internacional do orgulho LGBTQIA+**, celebrado em **28 de junho**: uma data para relembrar a luta diária pelo respeito à diversidade, direitos civis fundamentais conquistados e políticas afirmativas focadas em combater a discriminação.

Nas páginas a seguir, indicações de livros, filmes e cursos com o objetivo de despertar reflexões sobre a temática e contribuir com o respeito à diversidade no ambiente de trabalho.

LIVROS



PÁG. 2

FILMES



PÁG. 4

CURSOS

- ▶ Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+
- ▶ Estratégia de Enfrentamento à LGBTQIAP+FOBIA

PÁG. 6

▶▶▶ **ACONTECE NO MINC**
PÁG. 7

▶▶▶ **ACONTECE POR AÍ**
PÁG. 7

▶▶▶ **ENTREVISTA**
PÁG. 8

LIVROS



Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias

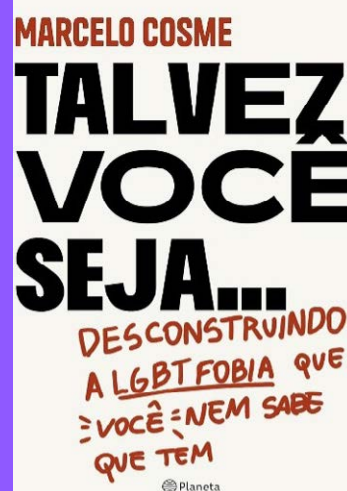
Renan Quinalha
Brasil, 2022 (192 páginas)
Editora Autêntica

Sistematizando anos de estudos e elaborações em torno da temática da diversidade sexual e de gênero, Renan Quinalha compartilha neste livro reflexões teóricas e historiográficas em linguagem acessível, com o objetivo de atingir um público mais amplo interessado no universo LGBTI+. Esta obra é um convite à ação política e à luta por igualdade, diversidade e democracia.

Talvez você seja...: Desconstruindo a LGTBfobia que você nem sabe que tem

Marcelo Cosme
Brasil, 2021 (208 páginas)
Editora Planeta

Talvez você seja... não tem a ambição de mudar o mundo, mas de ajudar o leitor a entendê-lo. Em particular, o mundo LGBTQIA+ no Brasil. O objetivo de Marcelo é instigar, provocar, despertar em todos o olhar sobre o próprio comportamento. Ao mesclar a própria história com a de outras pessoas e a visão de especialistas, ele aponta como é fácil perceber o preconceito e o que todos podem fazer no dia a dia para serem melhores amigos, colegas, chefes. Sim, talvez você seja lgbtfóbico. Mas, ao terminar de ler este livro, talvez consiga deixar de ser!



Imprensa Lésbica: Uma história possível

Paula Silveira-Barbosa
Brasil, 2023 (188 páginas)
Editora Dialética

Imprensa Lésbica: uma história possível apresenta um panorama das primeiras publicações brasileiras, com circulação entre 1981 e 1995. A partir de uma ampla pesquisa bibliográfica, combinada com análise documental e entrevistas, a autora descreve as características dos periódicos lesbianos e sistematiza suas contribuições para o campo da comunicação e do jornalismo.

DIVERSIDADE

EM PAUTA

4ª edição | Junho | 2024

LIVROS



Bajubá Odara

Jovanna Baby Cardoso da Silva

Brasil, 2021

Editora Picos

O livro é um resumo do nascimento do movimento de travestis do Brasil. Conta a história política e social do movimento trans no país, entre 1910 e 1992, e retrata como o Brasil se tornou um dos primeiros países do mundo a organizar socialmente as pessoas travestis e transexuais.

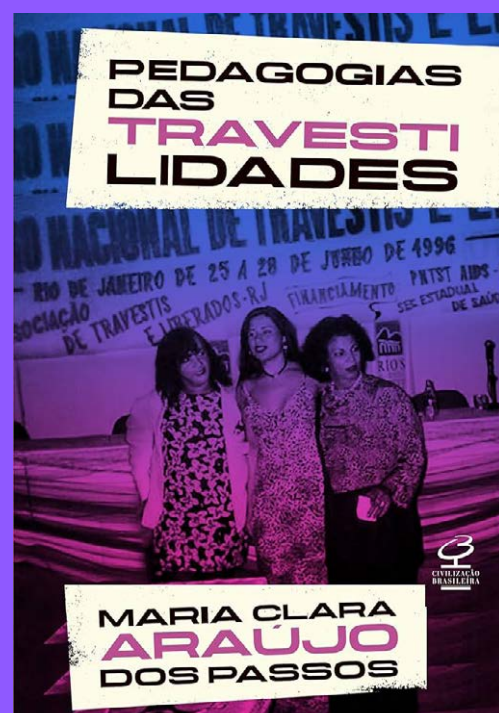
Pedagogias das Travestilidades

Maria Clara Araújo dos Passos

Brasil, 2022 (128 páginas)

Editora Civilização Brasileira

Em Pedagogias das Travestilidades, a educadora e ativista Maria Clara Araújo dos Passos registra a luta do Movimento de Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil, para assegurar que o Estado perceba essa comunidade como digna e lhe garanta os direitos sociais e políticos. Para isso, a autora documenta o saber que vem sendo produzido, desde 1979 até a atualidade, por esse coletivo, desde seu início, nas ruas, até sua chegada ao espaço privilegiado da academia. A publicação deste livro no Brasil – que desde 2008 lidera o terrífico ranking de assassinato de travestis e pessoas transexuais – é importante para afirmar que a existência dessas pessoas não apenas é possível, mas essencial para que a cidadania seja exercida de forma plena.



Elaboração e curadoria: Unidade de Gestão de Integridade /
Assessoria Especial de Controle Interno (Aeci/MinC)

Revisão e Diagramação: Assessoria Especial de Comunicação Social (Ascom/MinC)

FILMES

Corpolítica

Brasil, 2023

Documentário, 102'

Direção: Pedro Henrique França

Vitrine Filmes

O documentário investiga o vazio de representatividade LGBTQIA+ no cenário político do Brasil, país que mais mata pessoas queer no mundo. Diante de um recorde de candidaturas de membros da comunidade LGBTQIA+ nas eleições brasileiras de 2020, em um momento histórico no país e no mundo, candidatos e candidatas relatam suas experiências e as violências vividas dentro de seus processos de afirmação e na luta por direitos.



Praia do Futuro

Brasil, 2014

Romance/Drama, 106'

Direção: Karim Aïnouz

California Filmes

Donato (Wagner Moura) é um salva-vidas que trabalha numa praia em Fortaleza (CE). Depois de passar por um trauma emocional, conhece um motoqueiro alemão, Konrad (Clemens Schick), e parte em busca de uma nova vida na Alemanha. Oito anos depois, seu irmão Airton (Jesuita Barbosa), que o tinha como ícone, parte em busca de respostas. O filme explora temas como amor, perda, identidade e o confronto entre o passado e o presente.

Terra sem pecado

Brasil, 2019

Documentário, 20'

Direção: Marcelo Costa Cuhexê Krahô

O filme traz depoimentos de quatro jovens indígenas LGBTQs, que falam de suas vivências e questões como homossexualidade e LGBTfobia dentro do contexto indígena. O documentário foi baseado na pesquisa "Homossexualidade indígena e LGBTQIA+fobia no Brasil: duas faces da mesma moeda".



FILMES

Manhãs de Setembro

Brasil, 2021

Drama | Série (2 temporadas)

Direção: Luis Pinheiro, Dainara Toffoli

Amazon Studios

Manhãs de Setembro conta a história de Cassandra (Liniker), uma mulher trans que trabalha como motogirl em São Paulo e que tem na música sua maior força. Ela precisou abandonar sua cidade para realizar seu sonho de se tornar cover de Vanusa, cantora brasileira que fez sucesso na década de 70. Após anos de muito sofrimento, Cassandra vive agora um momento de estabilidade: ela consegue alugar um apartamento só seu e descobre o amor na figura de Ivaldo (Thomas Aquino). Contudo, tudo se complica quando sua ex-namorada, Leide (Karine Telles), reaparece com um menino que diz ser seu filho.



Corpo Elétrico

Brasil, 2017

Drama / Ficção, 94'

Direção: Marcelo Caetano

Vitrine filmes

Corpo Elétrico acompanha Elias (Kelner Macêdo) que é um assistente numa confecção de roupas no centro de São Paulo. Ele mantém pouco contato com a família na Paraíba e passa seus dias entre os tecidos do trabalho e encontros com homens. O fim do ano traz reflexões sobre possibilidades de futuro, reconexões com o passado e muitas horas extras, que acabam por aproximá-lo dos colegas da fábrica e consequentemente inseri-lo em novos círculos de amizade e cenários.

Pirenopolynda

Brasil, 2023

Documentário, 23'

Direção: Bruno Victor, Izzi Vitório, Tita Maravilha

AFRONTA FAZ, CAVALA FILMES

Em Pirenópolis (Goiás, Brasil), há 200 anos que a Festa do Divino se vem realizando. Tita nasceu na pequena cidade e tem memórias preciosas da festa. Anos mais tarde, ao regressar a essas memórias, a artista multidisciplinar travesti pretende reconstruir e re-traditionalizar a festa com um viés afetivo decolonial.



Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+

Enap/Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, 30h

Para fortalecer a cultura de direitos humanos, a partir do reconhecimento, valorização e respeito à diversidade, é necessário compreender os principais desafios vivenciados por pessoas LGBTQIA+. Neste curso, você irá aprender os conceitos, conhecer experiências e aspectos específicos de violências, exclusão, discriminação e desigualdade vividos por pessoas LGBTQIA+, bem como estratégias para a garantia, promoção e defesa de seus direitos.



Estratégia de Enfrentamento à LGBTQIAP+FOBIA

Unesp, 30h

O curso traz conceitos básicos sobre o tema e indicações de como desenvolver uma educação inclusiva e voltada ao respeito às diversidades humanas. O curso é voltado à comunidade acadêmica, e está disponível a toda a população no canal da Unesp no YouTube.



▶▶▶ **ACONTECE NO MINC**

Conferência Temática LGBTQIA+

Cerca de 170 pessoas de 26 estados brasileiros participaram da Conferência Temática Cultura LGBTQIA+, realizada nos dias 30 e 31 de janeiro de 2024, no Centro de Referência das Juventudes (CRJ), em Belo Horizonte, Minas Gerais. O evento, fruto de uma parceria entre o Ministério da Cultura (MinC) e o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), integrou o calendário de 13 conferências temáticas preparatórias para a 4ª Conferência Nacional de Cultura, realizada entre 4 e 8 de março, em Brasília, para definir os rumos da política cultural no país pelos próximos dez anos.

A etapa teve o objetivo de demonstrar a pluralidade do emergente campo de produção artística e cultural LGBTQIA+ no Brasil e identificar suas principais contribuições à política cultural dos próximos 10 anos. Para tanto, três propostas foram escolhidas pelos participantes para serem levadas à etapa nacional: a inclusão da cultura LGBTQIA+ em todos os espaços de decisão da política cultural ligadas ao MinC; a criação de um Programa Interministerial envolvendo o MinC, o MDHC, a Secretaria de Comunicação Social (Secom) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para financiamento de um projeto estratégico visando o desenvolvimento econômico do setor artístico e cultural LGBTQIA+; e a criação de uma Política Pública Nacional de Patrimônio e Memória Cultural LGBTQIA+.

▶▶▶ **ACONTECE POR AÍ**

Exposição virtual “Transfuture”

<https://www.transfuture.etc.br/>

Curadoria: Yná Kabe Rodriguez e Issac Guimarães

TRANSFUTURE*

A exposição Transfuture* reúne Beau Costa, Maria Léo Araruna, Pietra Sousa, Rômulo Barros e Rosa Luz, cinco artistas do Distrito Federal, com múltiplas investigações em arte. As obras exploram o potencial da imaginação de novos futuros na construção de caminhos divergentes da norma. Disponível desde o dia 29 de janeiro de 2021, a exposição apresenta diversas linguagens, como performance, desenho, pintura digital, vídeo, escultura, música e literatura. O projeto tem curadoria de Isaac Guimarães e Yná Kabe Rodriguez e é uma das ações do Festival BOCADIM para 2021.

ENTREVISTA



Mukaila Manika é curadora, crítica e historiadora da Arte. Desde a recriação do Ministério da Cultura, é chefe da Divisão do Conselho Nacional de Política Cultural, dentro da Diretoria do Sistema Nacional de Cultura.

Diversidade em Pauta: Como você descreveria sua jornada pessoal e profissional até o momento? Quais foram os principais desafios e conquistas ao longo do caminho?

Mukaila: Ser travesti ainda é uma jornada de muitas dores, perdas e resiliência. Ainda mais negra e sapatão. A vida pessoal é atravessada por inseguranças e barreiras causadas por uma estrutura social que não nos aceita em lugares que não sejam o de prostituição, tampouco nos concede o

direito de afeto. Infelizmente, o Brasil ainda tem um senso comum de que as travestis e pessoas transgênero são ameaças à paz, a Deus e às famílias, mas acontece que também somos dignas e merecedoras de amor e de ter nossos próprios núcleos familiares.

Profissionalmente, nos encontramos em um lugar de necessitar ser mil vezes mais esforçadas, pacientes e capacitadas do que as pessoas cisgênero. Somos colocadas à prova na primeira oportunidade. Então, nos acostumamos a estar em uma posição defensiva constantemente.

Eu tive privilégios graças à ascensão social da minha família sanguínea durante minha adolescência, o que deu à minha família uma mentalidade de que precisávamos consumir arte e ter uma formação acadêmica. Assim, tive uma jornada profissional mais fácil, longe das ruas e com empregos formais; apesar de ter sido convidada a me retirar de casa pois não me encaixava na família e ia "contra a vontade de Deus". Sou bacharel em Teoria, Crítica e História da Arte (Universidade de Brasília - UnB). E foi durante meu período de estágio no Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que transicionei. Lá criei vínculos que me deram coragem para ser a mulher que sou, e que seguem até hoje em minha vida. Logo que mudei de nome, todos já se adequaram e até defenderam meu uso ao banheiro feminino. Nunca fui vista como uma pessoa estranha pela

▶▶▶ ENTREVISTA

equipe do Departamento do Patrimônio Imaterial. Sou eternamente grata à Marina Lacerda e ao Diego da Hora por terem me contratado e possibilitado que eu me permitisse ter planos profissionais. Foi um período de grande aprendizado sobre gestão pública e reconhecimento da nossa riqueza cultural.

Já no meio artístico, das exposições e galerias, precisei me afirmar com maior voracidade. A produção artística e teórica feita por pessoas LGBTQIA+ ainda é pouco valorizada pelo sistema da arte brasileiro. Ainda bem que temos galerias como A Pilastra e DeCurators, que fogem deste lugar cisnormativo. Ainda assim, fiz amizades que tive a honra de exaltar o crescimento, como Yná Kabe, exímia artista, e Isaac Guimarães, importante curadora.

O MinC tem sido um ambiente de realização de um sonho que não esperava realizar tão cedo. Quando recebi a ligação do diretor Lindivaldo Júnior, que me convidava para uma entrevista, fiquei incrédula e honrada, no início da volta do Ministério, após a sua infeliz extinção. Em uma Secretaria diversa, como a dos Comitês de Cultura, sob a liderança de uma secretária que nos guia pelo respeito e competência, não me sinto coagida ou necessitada de ser defensiva.

Apesar de todas as dificuldades ainda existentes para que eu pudesse chegar viva até aqui, como as violências verbal e

física cotidianas iminentes, agradeço por ter conquistado um nome que tem sido citado como sinônimo para excelência profissional.

Diversidade em Pauta: Poderia compartilhar um pouco sobre sua atuação no MinC? Em que área você trabalha e quais são suas responsabilidades principais?

Mukaiã: Atualmente estou como chefe de Divisão na Coordenação-Geral do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC), na Secretaria dos Comitês de Cultura. Minhas atividades dentro do CNPC estão mais direcionadas às que tratam dos Colegiados Setoriais, em processo de restituição após a 4ª Conferência Nacional de Cultura (CNC). Conferência pela qual trabalhamos arduamente durante o ano de 2023 para que acontecesse. Neste processo, exerci atividades técnicas; como a produção de notas técnicas, acompanhamento de processos e relatoria de reuniões; bem como políticas, como as reuniões interministeriais necessárias para que Conferências Temáticas pudessem acontecer, enquanto preparatórias para a 4ª CNC. Dentre elas, destaco a muito bem-sucedida e histórica Conferência Temática de Cultura LGBTQIA+, realizada em cooperação com a Secretaria Nacional dos Direitos da População LGBTQIA+ (MDHC) e coletivos, em janeiro de 2024. Portanto, atualmente lido com o acúmulo de debates setoriais ocorridos na Conferência, o qual estamos aproveitando

▶▶▶ ENTREVISTA

por meio de relações entre as secretarias e vinculadas do Sistema MinC, como o próprio Iphan; responsáveis por cada setorial de cultura (Artes Visuais, Teatro, Circo, etc). Com isso, sigo participando de reuniões bilaterais e exercendo trabalhos técnicos, além de auxiliar nas atividades administrativas para o funcionamento do Conselho.

Diversidade em Pauta: Quais desafios específicos você enfrentou ou enfrenta no ambiente de trabalho? Como esses desafios impactam sua experiência profissional e pessoal?

Mukaíla: Em minha Secretaria não tenho tido problemas ou desafios relacionados ao meu gênero. Acredito que o problema está nos outros grupos do edifício. Quando tenho uma reunião em outro andar e preciso ir ao banheiro, vejo os olhares das outras mulheres e presencio o silêncio constrangedor. Os seguranças ainda me chamam pelo masculino, mesmo os cumprimentando diariamente há um ano e meio. O MinC tem sido um lugar bastante seguro, em relação aos perigos do dia a dia. Então são violências sutis que pouco impactam o meu trabalho, quando comparadas com todas as coisas boas que também têm acontecido. Tenho meu nome e direito de ir ao banheiro respeitados, o que já me acalma muito.

Diversidade em Pauta: Com base em sua experiência, quais sugestões você teria para tornar o ambiente

de trabalho mais inclusivo? Quais práticas poderiam ser implementadas para criar um ambiente mais acolhedor e respeitoso?

Mukaíla: A inclusão não se concretiza em ter pessoas cisgêneros e héteros com consciência teórica, se faz dando a real oportunidade para que nós, LGBTQIA+, possamos estar dignamente nos espaços do poder público. São necessárias cotas para travestis e pessoas trans em concursos; letramento para servidores, terceirizados e seguranças; e oportunidades de ter travestis e pessoas trans em cargos de chefia. A cultura institucional precisa nos acolher.

Além disso, acredito que é necessário incentivar os próprios servidores e terceirizados a entenderem que diversidade cultural também significa que os fazedores de cultura são diversos. Há muitos gays que trabalham com arte e todos sabem, mas também há muitas travestis, e há valor nisso. Não só quando se trata de cultura, precisamos afirmar isso a todo momento! Há travestis advogadas, violinistas, médicas, gestoras de políticas públicas e até aposentadas, após uma longa vida. Precisamos romper com estigmas e usar "travesti" ou "trans" como adjetivo de honra. Só assim qualquer ambiente será acolhedor, quando pararem de nos ter como uma imagem de "erro".



Obra da exposição “O Amor é A Coisa Mais Importante”, de Azuhli

Azuhli (Luíza Maynara Diogo Veras), uma artista de destaque na arte contemporânea brasileira, faleceu em maio de 2024, deixando um legado significativo no movimento LGBTQIA+. Suas obras, conhecidas por explorar temas como identidade, amor e pertencimento, foram marcadas por uma abordagem sensível e provocativa.

FICHA TÉCNICA

Ministra de Estado da Cultura
Margareth Menezes

Chefe da Assessoria Especial de Controle Interno
Ana Vitoria Piaggio

Chefe da Divisão de Integridade
Isabella dos Anjos Bezerra Batista

Boletim Diversidade em Cena, edição nº 4, junho de 2024

Concepção e Curadoria: **Ana Vitoria Piaggio**

Curadoria: **Ana Vitoria Piaggio e Mukaila Manika**

Revisão: **Assessoria Especial de Comunicação Social (Ascom/MinC)**

Diagramação: **Daniel Ribeiro**